

PRECARIEDADE NA VELHICE Contributos para a sua conceptualização e operacionalização

José de São José

Faculdade de Economia da Universidade do Algarve e Centro de Investigação em Turismo,
Sustentabilidade e Bem-Estar (CINTURS), Faro, Portugal

Resumo Este artigo conceptualiza a precariedade na velhice como uma condição socialmente produzida, que afeta, de forma diferenciada, os adultos mais velhos. Tem como dimensões centrais a insegurança e a incerteza, presentes nos planos estrutural e individual. É um fenómeno multidomínio, relacional, cumulativo e dinâmico. Não se reduz a escassez de recursos nem a indicadores objetivos, incorporando vivências subjetivas e antecipações do futuro. Esta conceptualização — alinhada com uma perspectiva crítica do envelhecimento — permite captar formas complexas de vulnerabilidade social na velhice, muitas vezes invisibilizadas por estatísticas convencionais.

Palavras-chave: precariedade, velhice, envelhecimento, conceptualização.

Prearity in later life: contributions to its conceptualization and operationalization

Abstract This article conceptualizes precarity in later life as a socially produced condition that affects older adults in differentiated ways. Its central dimensions are insecurity and uncertainty, present at both structural and individual levels. It is a multidomain, relational, cumulative, and dynamic phenomenon. It cannot be reduced to resource scarcity or objective indicators, as it incorporates subjective experiences and anticipations of the future. This conceptualization — aligned with a critical perspective on ageing — enables the identification of complex forms of social vulnerability in later life, often rendered invisible by conventional statistics.

Keywords: precarity, later life, ageing, conceptualization.

Précarité dans la vieillesse: contributions à sa conceptualisation et son opérationnalisation

Résumé Cet article conceptualise la précarité dans la vieillesse comme une condition socialement produite, qui affecte de manière différenciée les adultes âgés. Ses dimensions centrales sont l'insécurité et l'incertitude, présentes aux niveaux structurel et individuel. Il s'agit d'un phénomène multidomaine, relationnel, cumulatif et dynamique. Il ne se réduit ni à la rareté des ressources ni à des aspects objectifs, intégrant des expériences subjectives et des anticipations de l'avenir. Cette conceptualisation — en accord avec une perspective critique du vieillissement — permet de saisir des formes complexes de vulnérabilité sociale chez les personnes âgées, souvent invisibilisées par les statistiques conventionnelles.

Mots-clés: précarité, vieillesse, vieillissement, conceptualisation.

Preariedad en la vejez: aportaciones para su conceptualización y operacionalización

Resumen Este artículo conceptualiza la precariedad en la vejez como una condición socialmente producida, que afecta de manera diferenciada a las personas mayores. Sus dimensiones centrales son la inseguridad y la incertidumbre, presentes en los planos estructural e individual. Se trata de un fenómeno multidimensional, relacional, acumulativo y dinámico. No se reduce a la escasez de recursos ni a indicadores objetivos, sino que incorpora vivencias subjetivas y anticipaciones del futuro. Esta conceptualización — alineada con una perspectiva crítica del envejecimiento — permite captar formas complejas de vulnerabilidad social en la vejez, muchas veces invisibilizadas por las estadísticas convencionales.

Palabras-clave: precariedad, vejez, envejecimiento, conceptualización.

Introdução

O *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* define precariedade como a “qualidade do que é precário”, ou seja, o estado ou a condição de ser precário. Ainda segundo o mesmo dicionário, precário é algo “inseguro, não estável”, “pobre, difícil, mingua-do, estreito”, “frágil, débil, delicado” ou “que não é nosso, que se possui por mercê ou empréstimo”. Por seu lado, o dicionário *online* de língua inglesa, *Dictionary.com*, define *precarious* como “dependent on circumstances beyond one’s control; uncertain; insecure”, “dependent on the will or pleasure of another; liable to be withdrawn or lost at the will of another”, e “exposed to or involving danger; dangerous; perilous; risky”. A comparação entre as duas definições revela que cada língua enfatiza dimensões distintas da precariedade. Em português, “precário” remete sobretudo para carência, fragilidade e insuficiência, combinadas com uma condição de insegurança e posse instável. Já “*precarious*”, em inglês, centra-se na dependência de fatores externos, ausência de controlo e exposição ao risco, enfatizando a vulnerabilidade face à arbitrariedade de outrem e à possibilidade de perda repentina. Estas diferenças semânticas podem refletir modos cultural e institucionalmente situados de pensar a vulnerabilidade, influenciando tanto a forma como a investigação sociológica aborda o fenómeno, como as prioridades das políticas públicas e a própria perceção social da vulnerabilidade em cada país.

No campo das ciências sociais, o conceito de precariedade foi inicialmente mobilizado nos estudos sobre o trabalho, sobretudo para analisar as condições laborais dos trabalhadores. A paternidade deste conceito é atribuída a Pierre Bourdieu, quando este se debruçou sobre os trabalhadores temporários na Argélia, que não beneficiavam das vantagens e da segurança dos trabalhadores permanentes (Bourdieu, 1963, *apud* Alberti *et al.*, 2018: 448). Desde aí que o conceito de precariedade tem sido largamente mobilizado para dar conta de uma das implicações mais nefastas do capitalismo neoliberal, nomeadamente a emergência de uma classe de trabalhadores — o precariado — caracterizada pela falta de segurança laboral, traduzida no desemprego intermitente ou no subemprego (Lee e Kofman, 2012; Standing, 2010). No contexto português, o conceito de precariedade também tem sido discutido sobretudo no domínio do trabalho e das transições para a vida adulta. Autores como Carmo e Matias (2019) e Silva, Hespanha e Caldas (2017) mostram como a flexibilização laboral, a fragilização das proteções sociais e a instabilidade contratual têm contribuído para a produção de formas persistentes de vulnerabilidade no mercado de trabalho. Embora sejam referidos a outros momentos do curso de vida, estes contributos oferecem enquadramentos úteis para compreender a natureza estrutural e cumulativa da precariedade, servindo de contraste e de ponto de comparação com a sua expressão específica na velhice.

Recentemente, o conceito de precariedade começou a ser mobilizado para explorar se, e em que medida, as mudanças sociais e políticas contemporâneas induzem incertezas, inseguranças e riscos nas vidas dos adultos mais velhos (*e.g.* Grenier, Lloyd e Phillipson, 2017; Grenier, Phillipson e Settersten Jr., 2021a; Portacolone *et al.*, 2019).

São avançadas três grandes justificações para a utilização do conceito de precariedade na análise dos riscos, vulnerabilidades e desigualdades sociais na velhice. Grenier e Phillipson (2018) chamam a atenção para o facto de as desigualdades sociais e económicas não cessarem na transição para a velhice, pois as desvantagens acumuladas ao longo do curso de vida podem continuar a acumular-se após a saída do mercado de trabalho.

Por seu lado, Settersten Jr. (2021) sublinha que a velhice é um período de precariedade intensificada, uma vez que existem aspetos desta fase do curso de vida que a tornam particularmente propensa à precariedade, devido a contingências relacionadas com a condição de saúde, a necessidade de receção de cuidados, e a escassez de recursos sociais e económicos. A título de exemplo, a necessidade de cuidados que se coloca a muitos adultos mais velhos pode agravar riscos e inseguranças acumulados ao longo da vida, especialmente num contexto de austeridade económica e de retração dos apoios sociais.

Por último, Grenier, Phillipson e Settersten Jr. (2021a) defendem que as perspetivas teóricas/conceptuais sobre o envelhecimento de que atualmente dispomos não são adequadas para investigar os riscos e as vulnerabilidades na velhice contemporânea. Segundo estes autores, tais perspetivas foram desenvolvidas num contexto de crescimento económico nas sociedades ocidentais, que contrasta com o contexto contemporâneo marcado pela austeridade, o declínio do estado-providência, e formas interseccionais de desigualdade.

O uso ainda recente do conceito de precariedade na investigação social sobre o envelhecimento e a velhice explica, em parte, a sua insuficiente conceptualização e operacionalização neste domínio de investigação. Esta fragilidade conceptual corresponde a uma das principais conclusões da revisão da literatura conduzida por Grenier e colaboradores (2020: e628). De forma complementar, Portacolone (2021) destaca a inexistência de uma métrica abrangente ou de um índice composto que permita captar adequadamente as múltiplas dimensões da precariedade na velhice. A ausência de definições claras e de formas consistentes de operacionalização da precariedade na velhice compromete inevitavelmente a investigação empírica, dificultando, por sua vez, o desenho de políticas públicas e intervenções sociais eficazes.

Este artigo pretende contribuir para o aprofundamento da conceptualização e da operacionalização do conceito de precariedade na velhice, bem como para a evidenciação das suas virtualidades analíticas na compreensão, de forma mais matizada, dos riscos, vulnerabilidades e desigualdades sociais que afetam os indivíduos nas fases mais avançadas da vida. A proposta aqui avançada alinha-se com teorizações sociológicas sobre os traços marcantes das sociedades contemporâneas — nomeadamente as de Bauman, Beck e Castel — e com perspetivas críticas sobre o envelhecimento e a velhice, como as promovidas pela Economia Política do Envelhecimento e pela Gerontologia Crítica. Em última instância, pretende-se fomentar investigações que captem formas menos visíveis de vulnerabilidade social, frequentemente excluídas das métricas convencionais, e estimular o debate em torno de políticas públicas e intervenções capazes de prevenir ou mitigar a precariedade na velhice.

Precariedade na velhice: de que falamos?

A precariedade na velhice é comumente definida como uma condição marcada pela insegurança, vulnerabilidade e risco. A seguinte definição é uma das mais citadas:

The concept of precarity [in later life] refers to insecurities in the context of global economic and social change, including unwanted risks and the costly hazards of contemporary life that result from globalization, neoliberalization, and declining social protection. (Grenier e Phillipson, 2018: S15).

Esta definição identifica, em primeiro lugar, as inseguranças como uma dimensão central da precariedade na velhice, que inclui os riscos indesejados e os elevados custos da vida contemporânea. Em segundo lugar, concebe a precariedade na velhice como um fenómeno resultante de algumas das grandes mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas, nomeadamente a globalização, o neoliberalismo e o declínio da proteção social.

Começemos por explorar a última proposição, de que a precariedade na velhice resulta de transformações macroestruturais.

A precariedade na velhice como fenómeno resultante de mudanças macroestruturais

A perspetiva dominante no campo da precariedade na velhice concebe-a como estando profundamente enraizada em processos de transformação macroestrutural, com especial destaque para a globalização, o neoliberalismo e o declínio da proteção social (Grenier e Phillipson, 2018; Grenier *et al.*, 2020; Phillipson, Grenier e Settersten Jr., 2021). Dito de outra forma, a precariedade tem causas estruturais, ou seja, é uma condição socialmente produzida. É neste enquadramento que Judith Butler (2009: 25) propõe que a precariedade seja entendida como uma condição “politicamente induzida”, ou seja, resultante de decisões, omissões e dinâmicas de poder que expõem determinadas populações à vulnerabilidade social. O construto “manufactured uncertainty” proposto por Ulrich Beck (2009) vai também ao encontro do argumento de que a precariedade é um produto das estruturas sociais. Nesta ordem de ideias, torna-se evidente que o próprio estado pode constituir-se como uma fonte de precariedade na velhice.

Esta argumentação está em linha com a perspetiva da Economia Política do Envelhecimento. Por exemplo, Townsend (1981) defendeu que a dependência dos adultos mais velhos e a pobreza com que se debatem são socialmente produzidas, nomeadamente pelas políticas públicas (*e.g.* políticas sobre pensões de velhice). A perspetiva da precariedade na velhice atualiza e alarga a perspetiva da Economia Política do Envelhecimento, pois, por um lado, foca-se nas transformações neoliberais contemporâneas (austeridade, privatizações, flexibilização do mercado de trabalho, retração da proteção social, etc.) e, por outro lado, vai para além da

pobreza tradicional, sublinhando que os riscos e vulnerabilidades na velhice de hoje passam, em grande parte, pela insegurança e incerteza quanto a rendimentos, cuidados informais e formais, segurança física, etc. De acordo com a perspectiva da precariedade na velhice, os adultos mais velhos que não são pobres podem, ainda assim, debater-se com riscos e vulnerabilidades de diversa natureza.

A perspectiva da precariedade na velhice também se alinha com a Gerontologia Crítica, e também a atualiza e expande, pois explora até que ponto as tendências econômicas e sociais pós-crise econômico-financeira de 2008 aceleraram os processos de individualização, que já eram visíveis em décadas anteriores, mas que se tornaram particularmente evidentes mais recentemente, dada a orientação das políticas públicas (Phillipson, Grenier e Settersten Jr., 2021). Neste contexto, os debates sobre o prolongamento da vida ativa, a instabilidade das pensões, as incertezas no que toca à prestação de cuidados aos mais velhos, a rotulagem desta população como um “peso” para a sociedade, entre outros, adquiriram particular relevância. É de notar que a tese da individualização do risco nas sociedades contemporâneas, partilhada pela perspectiva da precariedade na velhice, é defendida, de igual modo, por académicos como Beck (2009), Bauman (2001) e Castel (1998 [1995], 2005). Este último enfatiza que o enfraquecimento das redes de proteção social — especialmente a que é assegurada pelo estado-providência — expõe os indivíduos a uma crescente vulnerabilidade, colocando-os numa trajetória de desfiliação social.

A precariedade na velhice não tem raízes apenas em transformações macroestruturais ocorridas nas esferas material/económica e da proteção social, mas também na esfera cultural/simbólica. Nesta última, destaca-se o idadismo, que, de acordo com vários académicos (e.g. Phillipson, 2013; Urban, 2024), é uma característica estrutural das sociedades capitalistas, tendo recrudescido no contexto da pandemia de Covid-19 (Ayalon *et al.*, 2021). O idadismo poderá contribuir para a precarização da velhice tanto do ponto de vista estrutural como experiencial (ver, por exemplo, Knuutila *et al.*, 2024). Por exemplo, o idadismo pode levantar barreiras ao nível do acesso (e permanência) dos adultos mais velhos no mercado de trabalho, promovendo insegurança e incerteza ao nível económico.

A proposição de que a precariedade na velhice resulta de mudanças macroestruturais alinha-se, assim, como uma perspectiva teórica crítica, que se encontra, nomeadamente, na Economia Política do Envelhecimento e na Gerontologia Crítica. À luz de uma perspectiva crítica, a precariedade na velhice não resulta, em primeira instância, do processo natural do envelhecimento (ex: perda de capacidades, reforma, doença), mas sim de mudanças no modo como uma sociedade se organiza e funciona. Isto quer dizer que a precariedade na velhice pode ser combatida por medidas de política pública.

Além disto, a proposição de que a precariedade na velhice resulta de mudanças macroestruturais tem dois corolários fundamentais. Em primeiro lugar, implica reconhecer que a precariedade se encontra nas instituições e nos sistemas sociais — como a economia, a educação, a habitação ou a saúde —, configurando aquilo que se pode designar por precariedade estrutural (Grenier, Lloyd e Phillipson, 2017; Settersten Jr., 2021). Consequentemente, esta precariedade estrutural repercute-se nas experiências vividas pelos indivíduos e nas suas interações sociais, assumindo a

forma de precariedade individual (Grenier, Lloyd e Phillipson, 2017; Settersten Jr., 2021). Em segundo lugar, implica também reconhecer que a precariedade constitui uma condição coletiva, que pode afetar potencialmente todos os adultos mais velhos, independentemente da sua posição social. Nesse sentido, coloca-os — usando a terminologia de Martuccelli (2006) — “à prova”, isto é, perante desafios socialmente impostos que exigem resposta individual e, acrescente-se, também resposta coletiva.

Seguidamente, retoma-se a primeira parte da definição acima fornecida, que se foca sobre as dimensões da precariedade na velhice.

Dimensões da precariedade na velhice

No domínio das ciências sociais a operacionalização de um conceito implica a identificação das suas dimensões e os indicadores de cada dimensão. Com o objetivo de ajudar os investigadores a identificar a precariedade na velhice, Portacolone (2021) propôs, com base em dois estudos qualitativos, quatro marcadores de precariedade: (1) incerteza (sentimento de incerteza, resultante da necessidade de lidar com pressões cumulativas num contexto de limitação de recursos, tentando-se ao mesmo tempo preservar um sentido de independência); (2) acesso limitado a serviços adequados (serviços desejados/necessários que não estão acessíveis); (3) importância da manutenção da independência (desejo de ser independente num contexto onde se torna cada vez mais difícil gerir as exigências do dia-a-dia sozinho/a, devido, em parte, à escassez de apoios); (4) pressões cumulativas (pressões decorrentes da combinação entre incerteza, acesso limitado a serviços adequados e desejo de independência).

Ainda que nem todos estes marcadores possam ser reconhecidos de forma inequívoca como dimensões de precariedade — como acontece com o terceiro marcador —, a incerteza é identificada como tal, a par do acesso limitado a serviços e apoios, e das pressões de natureza cumulativa. Porém, não fica claro o que se entende por incerteza e, para além disto, nota-se que alguns marcadores remetem para um sentimento (como no caso da incerteza) e outros para condições mais objetivas (como no caso do acesso limitado a serviços adequados).

Embora não exista uma proposta consensual quanto às dimensões da precariedade na velhice, observa-se que, em várias definições, a insegurança, a incerteza — ou ambas — surgem frequentemente como dimensões centrais (*e.g.*, Craciun e Flick, 2014; Gonyea e Grenier, 2021; Grenier e Phillipson, 2018; Portacolone, 2021). No entanto, persiste uma certa dificuldade em clarificar estas dimensões, tanto do ponto de vista teórico-conceptual como do ponto de vista operacional (como as reconhecer/medir).

A centralidade da insegurança e da incerteza como dimensões da precariedade na velhice ganha ainda maior relevância ao encontrarmos estas mesmas dimensões destacadas na literatura sobre a precariedade no geral, isto é, precariedade independentemente da fase do curso de vida (*e.g.* Waite, 2009), bem como nalgumas propostas de teorização sociológica sobre as sociedades contemporâneas (*e.g.* Bauman, 2001; Beck, 2009; Castel, 2005). Por exemplo, Ulrich Beck (2009)

propõe a incerteza como uma característica fundamental das sociedades do risco global. Já Robert Castel (2005) elege a insegurança como um dos grandes problemas das sociedades contemporâneas, devido à precarização das relações de trabalho e à erosão do estado de bem-estar social. Por sua vez, Zygmunt Bauman (2001: 185) argumenta que a condição humana nas sociedades contemporâneas é marcada pela combinação de “falta de garantias (de posição, títulos e sobrevivência), da incerteza (em relação à sua continuação e estabilidade futura) e de insegurança (do corpo, do eu e de suas extensões: posses, vizinhança, comunidade)”.

Nesta ordem de ideias, propõem-se a insegurança e a incerteza como dimensões fundamentais da precariedade na velhice. Entende-se a insegurança como uma condição que remete para instabilidade, ausência de recursos, de proteção e de apoios, ou de confiança, podendo manifestar-se em múltiplos domínios da vida quotidiana. Um testemunho recolhido por Portacolone (2021: 155) ilustra de forma clara a carência de recursos e apoios: “Nobody would say to me, remember, you have a doctor appointment, you have to go.” A insegurança configura-se, sobretudo, como uma condição ou um estado existente no presente, mais do que uma apreensão face ao futuro.

Por sua vez, concebe-se a incerteza como sinónimo de imprevisibilidade existente em diversos domínios da vida, traduzindo-se na dificuldade — ou mesmo impossibilidade — de antecipar com segurança as condições, os recursos, os apoios ou as situações futuras. Esta dimensão é ilustrada no seguinte testemunho: “I’m not sure, unless something happens, whether I can pay rent anymore. I don’t know how long I can stay on my own.” (Portacolone, 2021: 153). A incerteza tem, assim, uma componente prospetiva. No entanto, a incerteza pode também manifestar-se como um estado de dúvida ou hesitação em relação ao presente, tal como evidenciado na expressão: “I don’t know what to do.” (Portacolone, 2021: 153).

Estas duas dimensões — insegurança e incerteza — estão intimamente interligadas, na medida em que uma pode ser simultaneamente causa e consequência da outra. Um indivíduo pode experimentar insegurança no presente devido à incerteza quanto à sua capacidade de garantir rendimentos futuros. Inversamente, uma situação de insegurança vivida no presente — como um emprego instável — pode alimentar a incerteza relativamente a projetos de vida futuros, como a possibilidade de adquirir uma habitação. Apesar desta interdependência, considera-se que a distinção analítica entre insegurança e incerteza se justifica, pois permite uma compreensão mais fina e matizada das experiências de precariedade na velhice.

Assinale-se, a este respeito, que estas duas dimensões são captadas apenas de uma forma indireta e parcial por inquéritos quantitativos de larga escala como EU-SILC (European Union Statistics on Income and Living Conditions), EQLS (European Quality of Life Survey) ou SHARE (Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe). Embora estes inquéritos incluam indicadores úteis para a análise da precariedade na velhice, especialmente no domínio económico (*e.g.* dificuldades em pagar despesas, capacidade para fazer face a imprevistos), do acesso a serviços e da qualidade habitacional, a sua cobertura das dimensões de insegurança e de incerteza é apenas parcial. Privilegiam, sobretudo, condições objetivas e presentes, captando a insegurança sobretudo através de rendimentos insuficientes, privação material ou

dificuldades no acesso a cuidados e serviços. No entanto, captam de forma apenas indireta a incerteza no futuro, as dificuldades antecipadas, os receios quanto à continuidade de apoios, ou a articulação dinâmica entre diferentes domínios da vida. Assim, embora úteis, estes inquéritos não abrangem plenamente a complexidade relacional e prospetiva que está no centro da conceptualização aqui proposta.

Tal como discutido anteriormente, a precariedade manifesta-se em múltiplos níveis, operando tanto a nível estrutural como individual. Da mesma forma, a insegurança e a incerteza também se expressam nestes dois níveis.

Níveis da precariedade na velhice: insegurança e incerteza estruturais e individuais

A insegurança e incerteza estruturais situam-se ao nível das instituições e dos sistemas sociais, enquanto a incerteza e a insegurança individuais dizem respeito à esfera da experiência vivida. Por exemplo, no respeitante aos espaços exteriores e ambientes construídos, a insegurança estrutural pode encontrar-se na existência de múltiplas barreiras arquitetónicas, falta de iluminação durante a noite, escassez de passeios, entre outros aspetos, ao passo que a insegurança individual pode manifestar-se quando os adultos mais velhos se sentem inseguros quando se deslocam pelo bairro, tendo receio de quedas, atropelamentos ou assaltos noturnos.

A distinção entre o nível estrutural e individual da precariedade na velhice está em linha com a distinção entre *precarity* e *precariousness* (Grenier, Lloyd e Phillipson, 2017), referindo-se o primeiro termo à dimensão estrutural da precariedade, e o segundo à sua dimensão experiencial, também chamada *ontological precarity*, isto é, “the individual experience of anxiety arising from the everyday experience of precarious work.” (Lain *et al.*, 2021: 91).

Com base na teoria sociológica sobre a relação entre estrutura e ação (*e.g.* Bourdieu, 1980; Giddens, 1984; Mouzelis, 2008), e na literatura sobre a precariedade na velhice (Grenier, Phillipson e Settersten Jr., 2021a), propõe-se que a incerteza e a insegurança estruturais se articulam com as suas manifestações no plano individual. Em linha com Turner (2016), o qual argumenta que a estrutura tende a moldar a ação mais do que o inverso, argumenta-se, de igual modo, que a relação entre insegurança e incerteza estruturais e individuais se dá predominantemente no sentido de as estruturais influenciarem as individuais.

Importa sublinhar que a precariedade na velhice, tanto estrutural como individual, é dinâmica, evoluindo ao longo do tempo. A precariedade estrutural muda à medida que as políticas públicas (*e.g.* sistemas de pensões de velhice), a economia (*e.g.* crises económicas), as estruturas e dinâmicas familiares (*e.g.* fragilização dos apoios familiares) e outros domínios da sociedade também mudam. Por sua vez, a precariedade individual pode ser agravada ou mitigada ao longo do curso de vida, prendendo-se com desigualdades acumuladas (*e.g.* trajetórias laborais descontínuas ou precárias), transições críticas (*e.g.* viuvez), entre outros fatores.

Poder-se-ia pensar que o estrutural e o individual correspondem, respetivamente, ao objetivo e ao subjetivo. Embora essa correspondência se verifique em

muitos casos, não há uma sobreposição perfeita entre estas categorias. Existem situações objetivas que ocorrem ao nível individual — como o diagnóstico de uma doença ou a perda de um cônjuge —, tal como podem existir perceções subjetivas partilhadas coletivamente, que se cristalizam em condições estruturais.

Como se referiu mais atrás, os estudos sobre a precariedade no mercado de trabalho colocam uma grande ênfase no domínio económico. Porém, a precariedade na velhice inclui não apenas este domínio, mas também outros, como veremos seguidamente.

Domínios da precariedade na velhice

A seleção dos domínios da vida na velhice que podem ser afetados pela precariedade acaba sempre, em última instância, por decorrer dos objetivos de cada investigação empírica. Não obstante, a literatura sobre a precariedade na velhice elenca alguns destes domínios, tais como o emprego, a família, a educação, a saúde, e o lazer (Settersten Jr., 2021).

Existe literatura teórica e empírica que pode ser útil para identificar outros domínios da vida particularmente relevantes na velhice, quando analisados sob a ótica da precariedade. Um exemplo disto é o trabalho de conceptualização da exclusão social na velhice, que identifica diversos domínios onde este fenómeno se manifesta e que podem ser integrados numa perspetiva mais ampla sobre a precariedade: o domínio económico (emprego, rendimentos de trabalho, pensões, recursos materiais, etc.); o domínio dos relacionamentos sociais (interações com familiares e amigos, apoio informal, solidão, etc.); o domínio dos serviços (saúde, transportes, tecnologias de informação e comunicação, etc.); o domínio da comunidade e espaço (ambiente construído, segurança física, etc.); e o domínio cívico (voluntariado, participação política, idadismo, etc.) (Walsh *et al.*, 2021). Por seu lado, o índice de envelhecimento ativo (<https://unece.org/population/active-ageing-index>) e o relatório intitulado *Age-Friendly Environments in Europe. Indicators, Monitoring and Assessments* (WHO, 2020) também poderão fornecer boas sugestões de domínios da vida relevantes do ponto de vista da precariedade. Como se pode constatar, os possíveis domínios da precariedade na velhice vão além dos aspetos materiais e económicos, tradicionalmente privilegiados nos estudos centrados na pobreza.

Sublinhe-se a possibilidade de influências mútuas entre os múltiplos domínios da precariedade na velhice, pois a precariedade num dos domínios pode, por um lado, transbordar para outros domínios ou intensificar a precariedade neles existente e, por outro lado, a precariedade num domínio pode ser atenuada ou compensada pela força ou estabilidade de outros domínios (Settersten Jr., 2021).

Nesta ordem de ideias, a precariedade na velhice é um fenómeno multifacetado e dinâmico, que emerge da conjugação de vulnerabilidades em diferentes domínios da vida (económico, habitacional, relacional, etc.), conjugação essa que pode variar ao longo do tempo. A precariedade na velhice não resulta de uma simples adição de vulnerabilidades, mas antes da forma como estas se entrelaçam e se

reforçam mutuamente, produzindo situações complexas. A precariedade na velhice, como “condição combinada” não é facilmente captada pelas métricas e estatísticas convencionais.

Exemplo de operacionalização da precariedade na velhice

Considerando-se as duas dimensões da precariedade na velhice — incerteza e insegurança —, os seus dois níveis — estrutural e individual — e dois domínios específicos da vida — o económico e o habitacional —, fornece-se um exemplo de operacionalização da precariedade na velhice (quadro 1). Em cada célula apresentam-se alguns indicadores, que servem para ilustrar as múltiplas possibilidades de operacionalização. Selecionaram-se os domínios económico e habitacional, mas poderiam ter sido selecionados outros igualmente relevantes, como os da saúde e dos relacionamentos sociais (Grenier, Phillipson e Settersten Jr., 2021b; Juma e Fernández-Sainz, 2024; Walsh *et al.*, 2021). Importa sublinhar que o exercício que se segue não pretende constituir um modelo analítico completo. A multiplicidade de

Quadro 1 Exemplo de operacionalização da precariedade na velhice (domínios económico e habitacional)

Domínios da vida	Insegurança estrutural	Insegurança individual	Incerteza estrutural	Incerteza individual
Económico	Montante da pensão social de velhice abaixo do limiar de pobreza Volatilidade nos preços de bens e serviços essenciais (ex.: alimentação, energia)	Dificuldade atual em assegurar o pagamento de despesas essenciais (renda, energia, alimentação, etc.) Dependência atual de ajuda financeira informal (familiares, amigos) para cobrir despesas básicas	Mudanças frequentes na legislação sobre pensões de velhice Discursos mediáticos e/ou relatórios oficiais que sublinham os riscos de insustentabilidade da Segurança Social	Incapacidade de antecipar se os rendimentos futuros permitirão manter condições de vida básicas Dúvidas sobre a manutenção a médio/longo prazo do direito à pensão de velhice nos termos e condições atuais
Habitacional	Parque habitacional degradado, sem condições de segurança e conforto Pressão imobiliária e turística (gentrificação) que expulsa adultos mais velhos de bairros centrais para zonas periféricas	Condições habitacionais que colocam riscos imediatos para a segurança física (infraestruturas degradadas, falta de equipamentos funcionais) Receio de despejo devido à reconversão do imóvel por parte do proprietário	Imprevisibilidade relativamente à evolução futura dos preços das casas e dos arrendamentos Idadismo (no arrendamento e no crédito bancário)	Imprevisibilidade quanto à capacidade futura de permanecer no bairro ou de assegurar uma alternativa habitacional adequada Não saber se poderá ser alvo de discriminação etária no acesso a uma casa arrendada ou a um empréstimo bancário para compra de uma casa

domínios relevantes na velhice — económicos, relacionais, residenciais, de saúde, de serviços, cívicos ou comunitários — tornaria impraticável uma matriz exaustiva. O quadro 1 tem, assim, uma função heurística: ilustrar como as dimensões (insegurança e incerteza) e os níveis (estrutural e individual) podem ser operacionalizados em domínios distintos.

A literatura sobre a precariedade na velhice identifica outras características deste fenómeno que serão resumidas de seguida.

Outras características da precariedade na velhice

A precariedade na velhice pode ter múltiplas fontes ou facilitadores (Settersten Jr., 2021). Como vimos anteriormente, a precariedade resulta de transformações macroestruturais profundas. Mas pode resultar também de características dos ambientes em que os adultos mais velhos vivem, sejam estes a casa, a vizinhança, o bairro, a cidade, etc. Para além dos contextos externos ao indivíduo, atributos pessoais e recursos individuais — como a saúde física e mental ou os recursos financeiros (Portacolone, 2013) —, bem como eventos ao longo do curso de vida, como a transição para a reforma ou a necessidade de cuidados pessoais, podem igualmente contribuir para o surgimento, intensificação ou atenuação da precariedade na velhice (Grenier e Phillipson, 2018; Settersten Jr., 2021).

Para além disto, a precariedade na velhice é um processo resultante não apenas das condições de vida no presente, mas também, das condições de vida do passado. Isto quer dizer que a precariedade existente nas fases iniciais e intermédias do curso de vida individual é transportada para as suas fases mais avançadas (Grenier, Phillipson e Settersten Jr., 2021a). Por outras palavras, a precariedade na velhice deve ser concebida não apenas como uma condição resultante das circunstâncias do presente, mas também como uma condição que emerge da acumulação de desvantagens ao longo do tempo (ver também Dannefer, 2018). Por exemplo, a precariedade na velhice pode resultar de carreiras profissionais descontínuas, que resultam mais tarde em pensões insuficientes e falta de segurança económica. Ainda numa perspetiva de curso de vida, a precariedade na velhice é interpessoal, no sentido em que a precariedade de um indivíduo afeta e é afetada pela precariedade de outros indivíduos com quem interage (Settersten Jr., 2021).

Por fim, a precariedade na velhice assume formas diferenciadas consoante variáveis como o género, a etnia e a classe social (Settersten Jr., 2021), reforçando-se a necessidade de mobilização de uma perspetiva interseccional, que permita compreender como diferentes eixos de desigualdade se combinam na produção de situações de insegurança e incerteza. Por exemplo, mulheres adultas mais velhas que passaram grande parte da vida em trabalho não remunerado ou precário terão maior probabilidade de enfrentar a velhice com baixos rendimentos e escassez de proteção social, sobretudo se forem viúvas ou viverem sós. Do mesmo modo, adultos mais velhos migrantes podem debater-se com situações de dupla vulnerabilidade, enfrentando, por um lado, barreiras linguísticas e institucionais no acesso a

serviços e lidando, por outro, com redes de suporte familiar mais frágeis ou distantes.

Notas finais

Neste artigo, avançou-se uma proposta de conceptualização da precariedade na velhice, através da identificação e discussão das suas dimensões centrais e níveis de manifestação, apresentando um exemplo de operacionalização que ilustra como estes elementos podem ser mobilizados empiricamente em diferentes domínios da vida.

À luz desta proposta, a precariedade na velhice apresenta um conjunto de propriedades distintivas, entre as quais se sistematizam, a seguir, as mais relevantes.

É uma *condição socialmente produzida*, no sentido de ser criada pelas sociedades contemporâneas. Isto quer dizer que a precariedade na velhice não resulta de ações e recursos individuais, mas sobretudo de dinâmicas macroestruturais (embora as ações e recursos individuais também joguem, inevitavelmente, o seu papel). Rompe-se, assim, com visões essencialistas da velhice ao ancorar a precariedade em transformações sociais, económicas e culturais.

Sendo uma condição socialmente produzida, ela afeta potencialmente todos os adultos mais velhos, colocando-os, usando a terminologia de Martuccelli (2006), “à prova” (no sentido de desafio imposto pela sociedade). É, por isso, uma *condição coletiva*, embora se manifeste na vida dos adultos mais velhos de forma diferenciada.

Estas ideias expandem as perspetivas teóricas da Economia Política do Envelhecimento e da Gerontologia Crítica, pois focam-se no papel das transformações sociais contemporâneas na produção de vulnerabilidades e desigualdades sociais, indo para além da análise da pobreza.

A precariedade na velhice é um *fenómeno bidimensional — insegurança e incerteza* — que se manifesta *nos planos estrutural e individual*. Esta conceptualização articula estrutura e agência, objetividade e experiência, presente e futuro, oferecendo, assim, uma lente mais fina, relacional e dinâmica para compreender os múltiplos modos de envelhecer num contexto marcado por transformações profundas de diversa natureza. Alinha-se com as teorizações de autores como Robert Castel, Ulrich Beck ou Zygmunt Bauman, que elegem a insegurança e a incerteza como categorias estruturantes das sociedades contemporâneas.

Não menos importante, a precariedade na velhice é um *fenómeno multidomínio, relacional e dinâmico*, emergindo da combinação de vulnerabilidades em diferentes domínios da vida (económico, habitacional, relacional, etc.), combinação esta que pode variar ao longo do tempo. Não é uma simples adição de vulnerabilidades, mas sim o resultado da forma como estas se entrelaçam e reforçam mutuamente.

Importa ainda referir que a conceptualização da precariedade na velhice aqui proposta *supera uma visão utilitarista dos riscos e vulnerabilidades sociais* entre os mais

velhos, pois não se fixa apenas, ou sobretudo, na escassez (ou ausência) de recursos. Reconhece que um adulto mais velho pode ter recursos e, ainda assim, sentir-se inseguro ou incerto quanto ao futuro, ou, inversamente, ter segurança em certos domínios mesmo com poucos recursos materiais.

Ademais, esta proposta de conceptualização *olha para além das condições objetivas*, que tendem a ser priorizadas pelas estatísticas convencionais sobre os riscos e vulnerabilidades sociais entre a população adulta mais velha, como estar ou não abaixo do limiar de pobreza, viver ou não sozinho, ou ter ou não doenças crónicas. Valoriza não apenas a condição objetiva em que se está, mas também a forma como essa condição é vivida, percebida e avaliada pelos próprios indivíduos. Por outras palavras, nesta ordem de ideias, a precariedade na velhice não tem a ver apenas com o que se tem ou não tem, mas também com o modo como se vivencia o que se tem ou não tem.

Outro aspeto diferenciador desta proposta de conceptualização da precariedade na velhice é a chamada de atenção para o facto de que a precariedade não se limita ao que falta no presente, mas também ao que se teme perder ou não ter no futuro. A precariedade na velhice tem, assim, uma *componente prospetiva*, plasmada na dimensão da incerteza.

A proposta de conceptualização e operacionalização da precariedade na velhice realizada neste artigo oferece uma oportunidade para se identificarem perfis complexos de risco e vulnerabilidade sociais na velhice, não só em estudos sustentados em dados primários como em análises a partir de dados secundários, como por exemplo os recolhidos pelo EU-SILC (European Union Statistics on Income and Living Conditions), EQLS (European Quality of Life Survey) ou SHARE (Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe). Oferece ainda a oportunidade de conceber novos instrumentos quantitativos capazes de captar a complexidade e a variabilidade das situações de precariedade na velhice.

Ao longo do artigo, a expressão “sociedades contemporâneas” é utilizada para designar contextos sociais caracterizados por dinâmicas comuns da modernidade tardia ou do capitalismo avançado — como o envelhecimento demográfico, a flexibilização laboral, a retração do estado social e a mercadorização do cuidado — embora estas se manifestem com intensidades distintas e moldem a precariedade de formas diferenciadas. Assim, embora a proposta conceptual apresentada possua algum grau de transversalidade — permitindo pensar a precariedade na velhice em diferentes países — ela é também particularmente sensível ao caso português, onde coexistem baixos níveis de proteção social em idades avançadas, carreiras contributivas fragmentadas, rendimentos de reforma comparativamente reduzidos e uma forte dependência de redes familiares para suprir lacunas da intervenção pública.

Agradecimentos

Este artigo/trabalho/projeto é financiado por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/04020/2025 (CinTurs).

Referências bibliográficas

- Alberti, Gabriella, Ioulia Bessa, Kate Hardy, Vera Trappmann, e Charles Umney (2018), "In, against and beyond precarity: work in insecure times", *Work, Employment and Society*, 32 (3), pp. 447-457.
- Ayalon, Liat, Alson Chasteen, Manfred Diehl, Becca R. Levy, Shevaun D. Neupert, Klaus Rothermund, Clemens Tesch-Römer, e Hans-Werner Wahl (2021), "Aging in times of the COVID-19 pandemic: avoiding ageism and fostering intergenerational solidarity", *The Journals of Gerontology. Series B, Psychological Sciences and Social Sciences*, 76 (2), pp. e49-e52.
- Bauman, Zygmunt (2001), *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Beck, Ulrich (2009), *World at Risk*, Cambridge, Polity Press / John Wiley and Sons.
- Bourdieu, Pierre (1980), *Le Sens Pratique*, Paris, Les Editions de Minuit.
- Butler, Judith (2009), *Frames of War. When Is Life Grievable?*, Londres, Verso.
- Carmo, Renato, e Ana Matias (2019), "As dimensões existenciais da precariedade: jovens trabalhadores e os seus modos de vida", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 118, pp. 53-78, DOI: 10.4000/rccs.8502.
- Castel, Robert (1998 [1995]), *As Metamorfoses da Questão Social. Uma Crônica do Salário* (tradução de I. D. Poleti), Petrópolis, RJ, Vozes.
- Castel, Robert (2005), *A Insegurança Social. O Que É Ser Protegido?*, Petrópolis, RJ, Vozes.
- Craciun, Catrinel, e Uwe Flick (2014), "I will never be the granny with Rosy Cheeks: perceptions of aging in precarious and financially secure middle-aged Germans", *Journal of Aging Studies*, 29, pp. 78-87.
- Dannefer, Dale (2018), "Systemic and reflexive: foundations of cumulative dis/advantage and life-course processes", *The Journals of Gerontology: Series B*, 73 (7), pp. 1249-1259.
- Giddens, Anthony (1984), *The Constitution of Society. Outline of the Theory of Structuration*, Berkeley, University of California Press.
- Gonyea, Judith G., e Amanda Grenier (2021), "Precarity in later life: understanding risk, vulnerability, and resilience", *Generations Journal*, 45 (2), ISSN: 2694-5126.
- Grenier, Amanda, Liz Lloyd, e Chris Phillipson (2017), "Precarity in late life: rethinking dementia as a 'fraild' old age", *Sociology of Health & Illness*, 39 (2), pp. 318-330.
- Grenier, Amanda, e Christopher Phillipson (2018), "Precarious aging: insecurity and risk in late life", Supplement: *What Makes a Good Life in Late Life? Citizenship and Justice in Aging Societies*, special report, *Hastings Center Report*, 48 (5), pp. S15-S18.
- Grenier, Amanda, Stephanie Hatzifilalithis, Debbie Laliberte-Rudman, Karen Kobayashi, Patrik Marier, e Chris Phillipson (2020), "Precarity and aging: a scoping review", *The Gerontologist*, 60 (8), pp. e620-e632.
- Grenier, Amanda, Chris Phillipson, e Richard A. Settersten Jr. (2021a), "Precarity and ageing: new perspectives for social gerontology", em Amanda Grenier, Chris Phillipson e Richard A. Settersten Jr. (orgs.), *Precarity and Ageing. Understanding Insecurity and Risk in Later Life*, Bristol, Policy Press, pp. 1-15.
- Grenier, Amanda, Chris Phillipson, and Richard A. Settersten Jr. (2021b), *Precarity and Ageing. Understanding Insecurity and Risk in Later Life*, Bristol, Policy Press.

- Juma, Fernanda, e Ana Fernández-Sainz (2024), "Social exclusion among older adults: a multilevel analysis for 10 European countries", *Social Indicators Research*, 174, pp. 525-551.
- Knuutila, Mia T., Tuuli E. Lehti, Helena Karppinen, Hannu Kautiainen, Timo E. Strandberg, Hannareeta Öhman, Niina M. Savikko, Anu H. Jansson, e Kaisu H. Pitkälä (2024), "Determinants of a sense of insecurity among home-dwelling older people", *Scandinavian Journal of Public Health*, 52 (1), pp. 64-70.
- Lain, David, Laura Airey, Wendy Loretto, e Sarah Vickerstaff (2021), "Older workers and ontological precarity: between precarious employment, precarious welfare and precarious households", em Amanda Grenier, Chris Phillipson e Richard A. Settersten Jr. (orgs), *Precarity and Ageing. Understanding Insecurity and Risk in Later Life*, Bristol, Policy Press, pp. 91-114.
- Lee, Ching Kwan, e Yelizavetta Kofman (2012), "The politics of precarity", *Work and Occupations*, 39 (4), pp. 388-408.
- Martuccelli, Danilo (2006), *Forgé par l'Épreuve. L'Individu dans la France Contemporaine*, Paris, Armand Colin.
- Mouzelis, Nicos (2008), *Modern and Postmodern Social Theorizing. Bridging the Divide*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Phillipson, Chris (2013), *Ageing*, Bristol, Polity Press.
- Phillipson, Chris, Amanda Grenier, e Richard A. Settersten Jr. (2021), "Conclusion: precarity and ageing in the 21st century", em Amanda Grenier, Chris Phillipson e Richard A. Settersten Jr. (orgs.), *Precarity and Ageing. Understanding Insecurity and Risk in Later Life*, Bristol, Policy Press, pp. 237-246.
- Portacolone, Elena (2013), "The notion of precariousness among older adults living alone in the U.S.", *Journal of Aging Studies*, 27, pp. 166-174.
- Portacolone, Elena (2021), "A framework to identify precarity in the social sciences: insights from qualitative research", em Amanda Grenier, Chris Phillipson e Richard A. Settersten Jr. (orgs.), *Precarity and Ageing. Understanding Insecurity and Risk in Later Life*, Bristol, Policy Press, pp. 147-166.
- Portacolone, Elena, Robert L. Rubinstein, Kenneth E. Covinsky, Jodi Halpern, e Julene K. Johnson (2019), "The precarity of older adults living alone with cognitive impairment", *The Gerontologist*, 59 (2), pp. 271-280.
- Settersten Jr., Richard A. (2021), "How life course dynamics matter for precarity in later life", em Amanda Grenier, Chris Phillipson e Richard A. Settersten Jr. (orgs.), *Precarity and Ageing. Understanding Insecurity and risk in Later Life*, Bristol, Policy Press, pp. 19-40.
- Silva, Manuel Carvalho da, Pedro Hespanha, e José Castro Caldas (2017), *Trabalho e Políticas de Emprego. Um Retrocesso Evitável*, Lisboa, Actual Editora.
- Standing, Guy (2010), *The Precariat. The New Dangerous Class*, Londres, Bloomsbury Press.
- Townsend, Peter (1981), "The structured dependency of the elderly: a creation of social policy in the twentieth century", *Ageing and Society*, 1 (1), pp. 5-28.
- Turner, Jonathan H. (2016). "The macro and meso basis of the micro social order", em Seth Abrutyn (org.), *Handbook of Sociology and Social Research*, Madison, Springer, pp. 123-148.
- Urban, Andreas (2024), *Velhos Supérfluos*, Lisboa, Antígona.

- Waite, Louise (2009), “A place and space for a critical geography of precarity?”, *Geography Compass*, 3 (1), pp. 412-433.
- Walsh, Kieran, Thomas Scharf, Sofie V. Regenmortel, e Anna Wanka (2021), *Social Exclusion in Later Life. Interdisciplinary and Policy Perspectives*, Cham, Springer.
- WHO – World Health Organization (2020), *Age-Friendly Environments in Europe. Indicators, Monitoring and Assessments*, [online], disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/334284/WHO-EURO-2020-1088-40834-55192-eng.pdf?sequence=1> (última consulta em janeiro de 2026).

José de São José. Professor catedrático com agregação, Faculdade de Economia da Universidade do Algarve e membro integrado no Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-estar – CinTurs.

E-mail: jsjose@ualg.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8657-6443>

Contribuições para o artigo: conceptualização, metodologia, supervisão, redação do original, revisão e edição.

Receção: 01/08/2025 Aprovação: 18/11/2025